

# Lençóis Esquecidos no Rio Vermelho

## Selma Parreira

Intervenção urbana

**Rio Vermelho, Cidade de Goiás (GO), 28 de setembro de 2009**

Exposição de fotografias e lançamento de vídeo

**Centro de Educação Profissional, Cidade de Goiás (GO)**

**22 de janeiro a 19 de fevereiro de 2010**

O PROJETO *LENÇÓIS ESQUECIDOS NO RIO VERMELHO*, DE SELMA PARREIRA, REVISITA UMA FORTE TRADIÇÃO DAS VILAS E CIDADES DO PASSADO PROPONDO UM DIÁLOGO CONTEMPORÂNEO ENTRE A POPULAÇÃO E A HISTÓRIA COLONIAL, ENCANTANDO E INSTIGANDO O OLHAR E ATIVANDO A MEMÓRIA AFETIVA.



# Poesia

*Bené Fonteles*

Brasília, outubro de 2009

Desci na manhã fria de junho a rua de pedra da antiga Cidade de Goiás. Dois alumbramentos: as primeiras luzes do Sol pintavam a frente larga da Serra Dourada e, mais adiante, embaixo da ponte de madeira, tremulavam, ao vento, alguns lençóis tingidos de anil.

Foram colocados, ainda na madrugada, por Selma Parreira, pendurados nos dois frontispícios da velha ponte. Eram como poemas ao vento expostos às refrações várias da luz do Sol sobre as águas do rio Vermelho.

Era pura poesia... até que as pessoas se apoderaram deles como donas de alguns versos e os levaram para casa para cobrir corpos, sonos e sonhos...

Havia ido, nessa levada da manhã, comprar os gostosos biscoitos de queijo de dona Inês no mercado municipal, mas levei, também, aqueles lençóis na cabeça na volta pra casa de dona Ciça, onde estava hospedado com a artista, esperando-me para saber como havia sido em mim a sua instalação-travessura.

Tinha vislumbrado os lençóis similares que durante séculos as mulheres lavadeiras da cidade estendiam para quarar sobre a pedra que afluía do rio. Agora estavam estendidos sobre minha memória e ficarão quarando aqui para sempre...

Selma repetiu a mesma história para a memória afetiva da cidade em final setembro de 2009. Não estava lá para outro alumbramento. Agora vejo através da fonte da fotografia que invadiu minha tela e encantou de novo minha lembrança ainda tão viva. Acenderam mais perguntas que não carecem, como a arte, de repostas:

- Por que uma artista se debruça sobre o gesto e a tradição do povo com a qual tanto se identifica, para conceber uma obra que não só dialoga com os olhares espantados dos passantes, mas com toda a dura história de conquista colonial de uma cidade goiana que lhe encanta e instiga a imaginação?

- O que quer provocar e o que pode arguir dos que passam pela ponte e sabem que verão só o rio que sempre por ali fluiu muito antes da casa poética de Cora Coralina e a caminho de outro rio e quem sabe do Atlântico?

- Que memória o rio levava daqueles lençóis tingidos de anil para outros povoados e cidades?

- O que quer evocar a artista dentro de si e no outro para invadir seu imaginário e de toda uma cidade que agora se recorda de um tempo e de uma atividade que não têm mais existência útil?

Perguntaram ao grande equilibrista francês Philippe Petit por que, num começo de manhã de 1974, ele havia atravessado num cabo de aço as Torres Gêmeas em Nova Iorque, a quatrocentos metros de altura. Ele, que acabara sendo preso pela ousadia, não pôde compreender a razão jornalística da pergunta. Não havia porquê para seu gesto, como não há porquê para o fazer arte. Petit, simplesmente, havia passado 48 minutos em vários vaivéns, entre uma torre e outra. Portava durante os trajetos em que dançava ao sabor do vento apenas uma felicidade horizontal no riso, e na alma, ainda mais vertical, pelo arriscado feito.

Selma Parreira tinha, naquela manhã de 2008, este mesmo sorriso maroto no rosto. Sonho realizado de uma criança que fez uma transgressão de linguagem na paisagem singular do Cerrado. Correu pra casa pra dizer aos amigos da traquinagem feita. Assim a vi no café da manhã daquela manhã de um junho inesquecível. Tive a felicidade de, como artista, partilhar de uma mesma vocação do fazer libertador por ela proposto e nela intensamente vivido. Um prazer lúdico que nos redime e nos impulsiona para algo ainda mais desafiante do que nos propõe a força potencial da arte dialogando com a história de uma cidade. Mas será só a arte o único meio de poder para revelar o que no inconsciente esta cidade sonha?

O feito de Selma cura e desvenda as sombras do passado e é próprio do gesto generoso de quem ama. E um artista pode melhor potencializá-lo, ao expandir



Fotos da p. 159 e acima Paulo Rezende



Foto: Paulo Escobar

consciências, quando porta o dom de inocência no ato. Mesmo porque havia, também nessa atitude do maduro, um quê de lembrança solidária com mulheres que durante séculos limpavam a sujeira dos outros, e, ao mesmo tempo, tornaram claras as suas almas a serviço de anônimos e muitos... Mulheres que estavam ali instaladas entre a luz do Sol inclemente do Cerrado e a transparente água do rio que lhes refrescava o cansaço do corpo, às vezes escravo, mas sempre negro ou moreno.

E me veio à mente a canção *Mão da limpeza* composta por Gilberto Gil: "Mesmo depois de abolida a escravidão / Negra é a mão de quem faz a limpeza / Lavando a roupa encardida, esfregando o chão / Negra é a mão / é a mão da pureza / Negra é a vida consumida ao pé do fogão / Negra é a mão nos preparando a mesa / Lavando as manchas do mundo com água e sabão / Negra é a mão de imaculada nobreza".

Tudo isso é o que nos evocam os lençóis pendurados numa manhã luminosa, e mais, o que não foi tão luminoso na história, mas que ainda está impregnado na memória da cidade eleita para o diálogo plural da arte com sua singular herança patrimonial.

A Cidade de Goiás é ainda um belo e coeso conjunto colonial legado ao futuro em seu virtual tombamento pela Unesco. Mas é, também, um patrimônio imaterial, acima de tudo, constituído em séculos, pela virtuosidade de sua original arte popular manifestada na religiosidade profana que, por exemplo, permeia a devoção nas festas do Divino: as mais lúdicas celebrações que são tão caras às populações tradicionais nos sertões de Goiás a Minas.

Mas a cidade torna, também, visível, entre cuidados e descuidos, a ventura de seu rico patrimônio material, construído com as dores de um tempo em que a história era escrita a ferro e fogo pelos aventureiros bandeirantes no ciclo da mineração, ou pelos incultos senhores agropastoris. Estes, que pouco discerniam o que era escravizar e maltratar seres humanos, ou explorar a frágil natureza do cerrado, que ainda hoje é, impiedosamente, agredido pelo agronegócio.

Muita água rolou debaixo da ponte do rio Vermelho até que uma artista, investida de criativa ousadia, como uma criança feliz de rua dentro do só e de si, resolvesse tingir lençóis que fossem como pedaços de céus de anil a serem estendidos sobre o sonho "nagual" de um rio. Mas os lençóis não eram apenas manifestos utópicos de pureza e ternura para com a paisagem de uma bela e mágica cidade que teve a primazia de liderar a geopolítica goiana durante quase três séculos. Havia um gesto de cura para com a dor do passado. Uma gesta do presente para um futuro ao sereno.

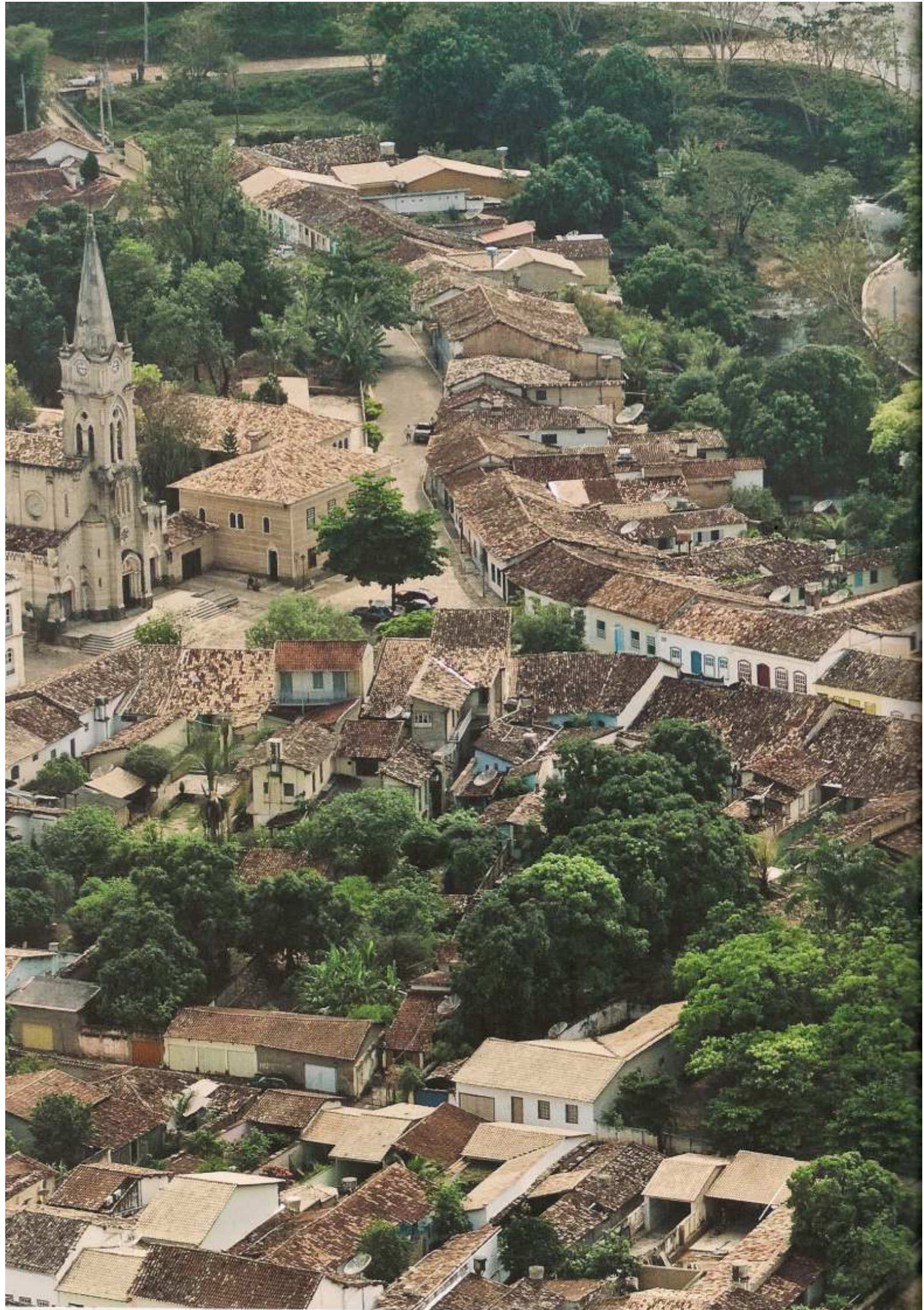
Mas se não havia porquê: era só poesia!

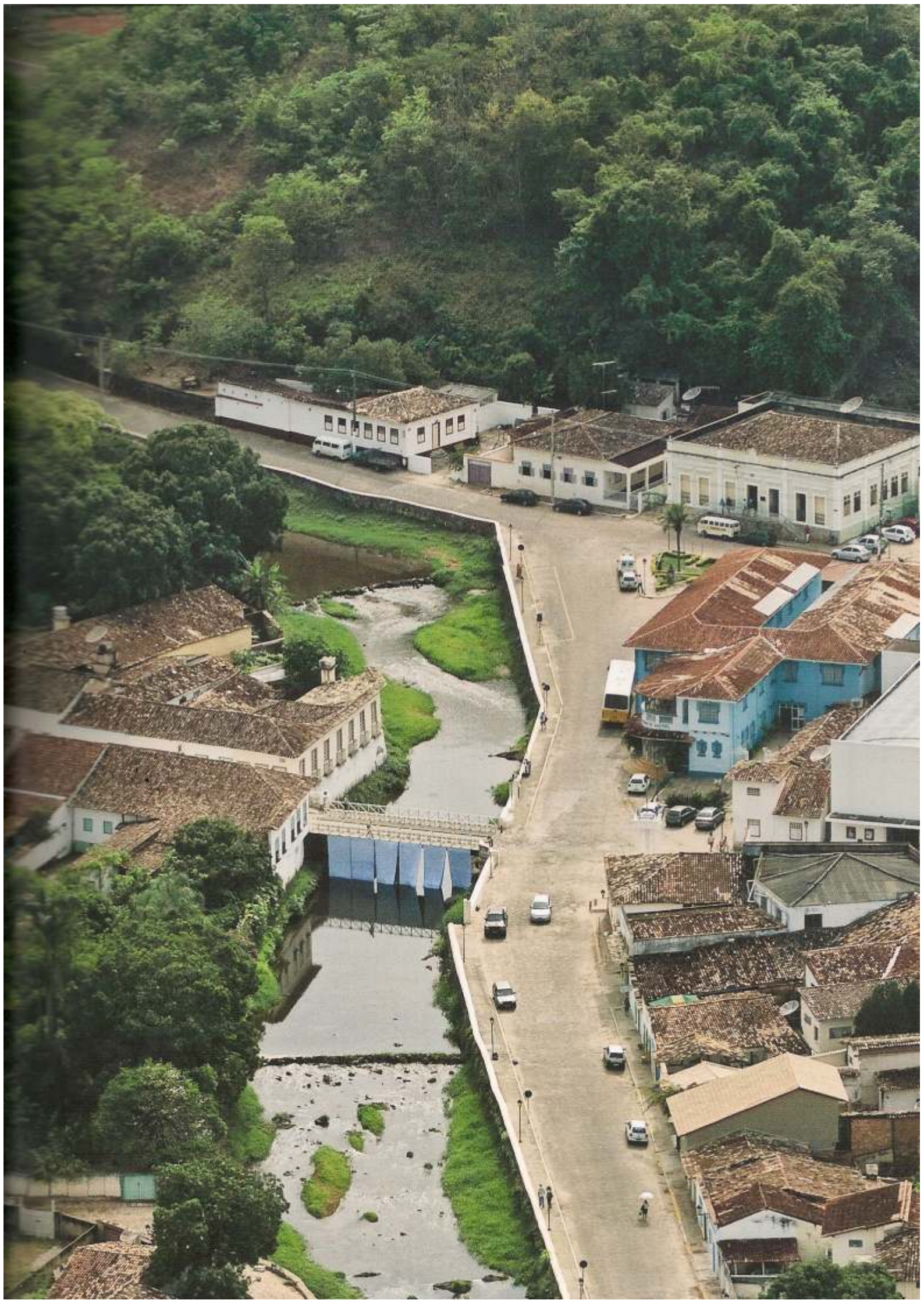


Foto: Marcos Sarquani



Fotos Paulo Rezende (p. 163) e Vicente Sampaio (p. 164-165)







# Rio Vermelho paisagem e memória

Selma Parreira



Venho trabalhando desde 2002 com propostas visuais que abordam o universo das lavadeiras de roupas, referindo-me à memória do corpo e do trabalho, à mitologia, ao gênero e a outras relações possíveis. Os objetos pertencentes a esse cotidiano estão presentes nas obras e na elaboração de um repertório imaginário, conceitual, e que neste trabalho adquirem outros significados

*Lençóis esquecidos no rio Vermelho* é uma série composta por três obras, que teve início em 2006 com o ensaio fotográfico realizado no Balneário da Carioca – Rio Vermelho, na Cidade de Goiás. Nesse trabalho foram

usados lençóis brancos pintados com anil, manchados e/ou azulados. Eles foram fotografados “largados”, “jogados” ou “esquecidos” nas rochas e lajeados no leito do rio. Ao mesmo tempo em que os lençóis pertenciam à atual paisagem do rio, eles também provocavam um deslocamento no tempo, remetiam a lembranças do passado, provocavam questionamentos: será que foram esquecidos? Por quem? Quando? No lugar onde as fotos foram realizadas, muitas mulheres lavaram roupas por várias décadas, cena que perdura ainda na memória de alguns moradores da cidade e se tornam uma referência para aquele lugar.

A partir desse trabalho, passei a me interessar pela história e memória das lavadeiras de roupas do rio Vermelho, na Cidade de Goiás, iniciando assim minhas pesquisas.

Cenas das mulheres lavando roupas no rio estão presentes nas produções de alguns artistas e fotógrafos da cidade. É de Goiandira do Couto, por exemplo, a pintura datada de 1959 que traz um grupo de mulheres lavando roupas no Balneário da Carioca. A poetisa Cora Coralina também dedicou alguns de seus poemas a essas mulheres, fazendo referência ao trabalho árduo por elas realizado, à dignidade e ao empenho dessas heroínas anônimas para criarem e educarem seus filhos.

O segundo trabalho foi realizado em junho de 2008, na ponte do Carmo, sobre o rio Vermelho: um varal com lençóis azulados, montado na madrugada. A precariedade dessa instalação gerou dúvidas e indagações, por um dia e uma noite, aos que passaram naquele local, pois parecia que as lavadeiras de roupas do rio Vermelho, há muitos anos banidas dali, haviam voltado. Estavam lá, secando estendidos na corda, grandes lençóis de algodão. Será que elas voltaram? Na memória dos moradores, com certeza e por alguns momentos, sim.

#### *Lençóis esquecidos no rio Vermelho* intervenção urbana

Em 28 de setembro de 2009, a terceira proposta da série.

A obra é uma instalação efêmera que acontece por um período de doze horas em um espaço específico – um trecho de aproximadamente 500 metros do leito do rio Vermelho. Atua e interfere na paisagem do rio, relaciona-se com a história do rio Vermelho como lugar de manifestações sociais, trabalho e memória da cidade. Tenho como parceiros nesta proposta os fotógrafos Paulo Rezende e Vicente Sampaio, que registraram as paisagens alteradas durante toda a permanência da intervenção no rio, inclusive com registros aéreos. Uma proposta de videoarte também integra o trabalho e tem a colaboração do cineasta Pedro Diniz. Interessa-me finalizar as ideias, ou propostas, usando a mestiçagem de técnicas, mídias e linguagens.

Para realizar esta proposta pesquisei fotos antigas que registram as lavadeiras trabalhando em vários lugares do leito e das margens do rio. São registros do começo e meados do século XX, que pertencem a coleções particulares e aos acervos do Museu da Boa Morte, na Cidade de Goiás, e do Museu da Imagem e Som, em Goiânia.

Nas cenas registradas pelos fotógrafos Don Candido Penso, Joaquim Craveiro, Alois Feichtenberger e outros não identificados, as mulheres estão lavando roupas no rio, sempre em grupo, e em torno delas, algumas crianças. As lavadeiras aparecem usando saias largas e compridas e o tradicional pano amarrado na cabeça. No registro em preto e branco, elas se misturam às pedras, à água, se integram aos elementos naturais da paisagem...

Os relatos saudosos das antigas lavadeiras são matéria primordial para a elaboração dos conceitos da obra. Neles pude perceber a simbiose harmoniosa e a simplicidade entre o rio e essas mulheres.

Ouvir e decifrar o barulho das águas, sentir a força da correnteza, ficar atenta às mudanças – são os recados do rio. Observar o colorido das águas, a temperatura, saber das chuvas na nascente: o rio avisa sobre os perigos das enchentes, suas águas ficam avermelhadas e sujas. É hora de catar as coisas e correr pra casa.

Foi antes do nascer do sol de uma segunda-feira, dia de trabalho das antigas lavadeiras, que foram colocados para “quarar”, próximo ao mercado municipal, no grande lajeado na margem do rio Vermelho, vários lençóis azulados, que cobriam quase toda a área da grande pedra.

Um pouco mais adiante, próximo à ponte do Carmo – local impregnado de memória, por ser um dos mais preferidos pelas lavadeiras e muito registrado nas fotos antigas –, foram distribuídas vinte e cinco bacias grandes, de alumínio, algumas com lençóis brancos de “molho” e outras cheias de água com anil. Estavam todas sobre uma ilha coberta de vegetação rasteira, bem verde, que o rio apresenta no seu leito antes das chuvas chegarem.

Grandes lençóis alvejados estavam “estendidos” em um varal e presos nas estruturas de madeira da ponte da Casa de Cora. O dia estava nascendo, o Rio Vermelho corria com águas muito claras e espelhava a cena, duplicando tudo, os lençóis e o céu muito azul.

Aproprio-me dos versos de Cora Coralina, do poema *A lavadeira* para fechar esta proposta visual.

*Às lavadeiras do Rio Vermelho,  
da minha terra  
Faço deste pequeno poema  
meu altar de ofertas.*

# Entre trouxas e barrelas

Nei Clara de Lima

Goiânia, 2 de novembro de 2009

O que atualmente é realizado na privacidade das moradias urbanas com o uso de máquinas elétricas – lavar a roupa doméstica – por muito tempo, no Brasil, foi uma atividade realizada fora do espaço das casas, como tarefa feminina realizada por escravas ou mulheres pobres especializadas no ofício de lavar roupa. Mediante pagamento, por rol de peças sujas ou por trouxas fechadas, o ofício era feito como prestação de serviço para donas de casa ricas e remediadas que podiam pagar pelo trabalho duplamente subalterno: por ser atividade manual de mulheres pobres e por ser impregnada de poluição, advinda do poder simbólico das sujeiras corporais depositadas nas roupas que lavavam.

Ainda que esses estigmas tenham se fixado no ofício das lavadeiras, fazendo com que fosse considerado rude e de pouca importância, outras imagens dessas trabalhadoras evocam figuras “de mulheres muito dispostas para o trabalho, muitas delas chefes de família obrigadas a improvisar suas fontes de subsistência, vivendo precariamente.” (MATOS, 1995, p. 107) De um modo ou de outro, suas atividades foram essenciais nos processos de higienização que presidiram a lenta construção das topografias da vida burguesa, com seus ritos e regimes de limpeza do corpo, da roupa e dos ambientes privados e públicos.

As lavadeiras de roupa “para fora” – a lavagem de roupas que não as da própria família – fizeram parte das paisagens urbanas brasileiras: passando pelas ruas carregando as trouxas na cabeça, buscando a roupa suja e entregando a roupa limpa; imersas nas águas rasas dos rios, batendo as roupas nos batedouros formados pelos lajedados e pedras que escapam acima da superfície da água; ensaboando, esfregando e enxaguando as peças; estendendo-as nos varais, arbustos e cercas... Para que as casas e os corpos pudessem se purificar com as trocas constantes de roupas, recorria-se ao trabalho das lavadeiras.

A ocupação, entretanto, não se restringia às tarefas de ensaboar, esfregar, ferver, bater, alvejar, quorar, engomar e secar as peças. Mergulhadas no universo das indústrias

práticas, as lavadeiras possuíam o domínio de conhecimentos tradicionais necessários para o desempenho da sua atividade. Muitas delas conheciam as propriedades saponáceas de vegetais, as químicas de clareamento de manchas e fixação de cores e técnicas de engomar. Usavam o são-caetano, trepadeira que se encaracola nos monturos e cercas de terrenos baldios, a folha de aloés, a folha da árvore chamada limbubá ou a folha de pari-paroba, com poderes de limpeza e branqueamento da roupa. Lidavam com a complexa produção de sabão de cinza, sebo e potassa; faziam uso de bosta de vaca e suco de limão para fixação das cores dos tecidos estampados. Operavam com as lixívia ou barrelas que branqueavam as roupas imersas em água fervente com cinza. Sabiam os vários graus de consistência da goma feita de amido cru ou cozido, de acordo com o tipo de roupa a ser engomada. E as mais zelosas do seu ofício não deixavam de perfumar as roupas com flores e ervas odoríferas.

Basta um gesto de arte – a intervenção urbana *Lençóis esquecidos no rio Vermelho*, de Selma Parreira, – para fazer emergir, do azinhavre do tempo e dos desvãos da cidade patrimonializada, suas gentes esquecidas. Em Goiás, as margens do rio Vermelho, suas pontes e lajedados, emolduram a paisagem de pobre memória: as lavadeiras de mãos acidificadas; corpos encarquilhados, premidos com o peso do leva-e-traz de trouxas; e cantigas que amaciam, como as águas limpam as roupas, a dureza do ofício de lavadeiras.

## Referências

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. Goiânia: Imprensa da UFG, 1977.  
CORALINA, Cora. *Vintém de cabre: minhas confissões de Aminha*. Goiânia: Editora da UFG, 1984.  
DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Do público para o privado: redefinindo espaços e atividades femininas (1890-1930). *Cadernos Pagu* (4), 1995. p. 97-115.  
VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.



Arrevo do Museu da Imagem e do Som de Goiás



Arrevo do Museu da Imagem e do Som de Goiás



Arrevo do Museu da Imagem e do Som de Goiás



Arrevo do Museu da Imagem e do Som de Goiás